

 Lendo a Bíblia

Coleção **LENDO A BÍBLIA**

- *Lendo o livro de Joel*, Luiz Alexandre Solano Rossi e Natalino das Neves
- *Lendo o Evangelho segundo João*, Pedro Lima Vasconcellos

Pedro Lima Vasconcellos

Lendo
O EVANGELHO
SEGUNDO JOÃO

Para que todos tenham vida



Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Coordenação editorial: *Paulo Bazaglia*
Capa: *Anderson Daniel de Oliveira*
Imagem de capa: *Jesus lava os pés de Pedro, Ford Madox Brown (1852-6)*
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Os textos bíblicos são tirados da *Nova Bíblia Pastoral*, Paulus, 2014.



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**
Teleendas: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**

1ª edição, 2018

© PAULUS – 2018

Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 · Fax: (11) 5579-3627
paulus.com.br · editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4647-6

INTRODUÇÃO

“No princípio existia a Palavra, e a Palavra estava junto com Deus, e a Palavra era Deus...” Essas expressões solenes, cerimoniais, mais parecem dificultar que ajudar o entendimento. Talvez seja isso mesmo: elas teriam sido escritas para serem lidas e ouvidas, remetendo-nos para muito longe, antes da criação do mundo e da humanidade, para tempos anteriores ao nosso tempo, para realidades grandiosas, praticamente impossíveis de serem imaginadas...

E a sensação de estranhamento parece aumentar quando se avança na leitura do texto do Evangelho segundo João. Nele Jesus aparece de uma forma muito distinta daquela encontrada nos outros evangelhos que compõem o Novo Testamento. Praticamente não conta parábolas, fala coisas que ninguém entende, e parece mesmo esperar por isso, para poder dizer algo ainda mais decisivo e importante. Faz longos discursos, e muitas vezes os discípulos e demais ouvintes ficam boquiabertos, sem compreender nada do que foi dito. Quando faz milagres, não quer que as pessoas se liguem no fenômeno extraordinário ocorrido; pelo contrário, indica que é preciso encontrar o sentido mais profundo daquilo que aconteceu. Mais ainda: por vezes aparece a estranha sensação de que, nesse evangelho, Jesus estaria distante dos seres humanos, pouco ou nada preocupado com as questões do dia a dia que incomodam e desafiam as pessoas. Um Jesus que, diante de Pilatos, diz: “O meu reino não é deste mundo” (18,36), o que teria a dizer a nós, que vivemos neste mundo em meio a pobreza, exclusões, desesperanças, destruições de direitos que haviam sido conquistados à base de tanto suor? Um Jesus que não parece precisar de ninguém para alimentar cinco mil pessoas (cf. 6,11), como compreendê-lo? Alguém que diz: “Eu e o Pai somos uma só coisa” (10,30) não

está totalmente distante de nós? Ele não estaria exigindo que quem quiser estar com ele deve desocupar-se das preocupações e desafios do cotidiano?

Com certeza, esse evangelho é um tesouro misterioso, que não entrega seus segredos assim facilmente. Mas é possível tomar um elemento como ponto seguro de partida. Trata-se do seu final, que não está no capítulo 21, mas no término do capítulo 20. É que o evangelho, até certo tempo, terminava aí; só mais tarde foi incluído o que hoje é o capítulo 21. Assim sendo, vamos destacar os dois últimos versículos do capítulo 20:

Jesus realizou, diante de seus discípulos, muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes sinais foram escritos para que vocês acreditem que Jesus é o Messias, o Filho de Deus. E para que, acreditando, vocês tenham vida no nome dele.

Depois das diversas manifestações de Jesus ressuscitado, encontramos o sentido, a finalidade para a qual o evangelho foi escrito. E por essas palavras já se vão mostrando algumas coisas. Em primeiro lugar, o evangelho não pretende ser uma “vida de Jesus”, que descreva tudo o que ele fez e como fez, o que falou e como falou: o escritor é muito claro quando afirma que poderia ter incluído outras narrações sobre sinais realizados por Jesus, e não o fez! Em segundo lugar: quem escreveu o evangelho afirma ter feito uma seleção do material a ser incorporado na obra pensando em “vocês”, num público bem específico, uma comunidade concreta, feita de pessoas que vivem dificuldades e certezas, alegrias e esperanças, dúvidas e desânimo. O que, no evangelho, se fala de Jesus não é resultado de gravações do que ele fez e falou. Diferente disso, o escrito tem em conta aquilo que quem o preparou entende serem os desafios de uma comunidade em particular. Será necessário tomar contato com essa comunidade, o quanto nos for possível, para um melhor entendimento do escrito que lhe foi dirigido.

É essa comunidade que o evangelista espera que creia, acredite que Jesus é o Messias esperado, o Filho de Deus que veio ao mundo. No entanto, justamente neste evangelho se lê, a certa altura, que quem reconhece Jesus como Messias é excluído

da sinagoga, o lugar de reuniões da comunidade judaica (cf. 9,22). O que isso significa? Será que o evangelista escreve num ambiente em que quem reconhece a Jesus como Messias fica impossibilitado de participar da vida mais ampla da sociedade, que naquela época e lugar tinha na sinagoga uma referência fundamental? Que consequências concretas traz essa exclusão?

O texto continua, garantindo que aquelas pessoas que creem em Jesus como Messias e Filho de Deus têm vida, no nome dele. De novo surge uma pergunta: será coincidência encontrar exatamente neste evangelho o alerta de Jesus: quem é expulso da sinagoga passa a correr risco de morte (cf. 16,2)?

Crer e viver: fé e vida caminham juntas, uma iluminando e fortalecendo a outra. E nesse texto as coisas já aparecem mais graves: a certeza da vida num contexto de morte... O que significará, a essa altura, encontrar Jesus dizendo: “Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância” (10,10)? Certamente o evangelho foi escrito para ajudar a enfrentar os desafios colocados pela vida, especificamente os desafios que vêm da decisão de optar por Jesus e por seu caminho. Para o grupo que por primeiro recebeu esse evangelho, eram desafios de vida e morte, literalmente.

Convido você, então, a uma leitura do Evangelho segundo João considerando os tempos e as experiências que terão marcado a trajetória de uma comunidade distante de nós, porque viveu há quase dois mil anos, numa região distante daqui de nosso país. Num primeiro capítulo será proposta inicialmente uma visão geral do evangelho, junto a algumas comparações com outros textos que surgiram no meio das primeiras comunidades seguidoras de Jesus. Em seguida virá o momento de situar com mais detalhes a comunidade que por primeiro recebeu esse evangelho, a comunidade para a qual o evangelho foi pensado e elaborado. Será a hora de se perguntar pela história dessa comunidade, como se formou, quem eram seus integrantes, os conflitos que terá enfrentado e as consequências deles. Claro que não podemos saber tudo, mas o próprio evangelho, junto com outras informações, nos oferece pistas importantes.

O capítulo seguinte é o mais extenso, consagrado ao comentário do texto, sempre tendo em conta a situação vivida

pela gente à qual o evangelho foi dirigido. Muitas das questões e inquietações das pessoas do passado são semelhantes às que hoje tantos cristãos e cristãs se fazem diante dos desafios e responsabilidades que a fé em Jesus coloca para a vida cotidiana. Crer em Jesus, para uma vida densa, de qualidade, em abundância.

Há muito tempo foi feita uma comparação que acabou se tornando bastante conhecida: a dos quatro evangelhos que estão no Novo Testamento com os quatro animais que estão junto ao trono de Deus, mencionados no livro do Apocalipse (cf. 4,7). O Evangelho segundo João seria representado por uma “águia voando”. A permanência dessa comparação teve como base uma compreensão do evangelho que acentuava a grandiosidade das comunicações que ele faz a respeito de Jesus e sua relação com o Pai, e ainda a profundidade e o tom até certo ponto misterioso dos ensinamentos daquele que é reconhecido como “a Palavra de Deus que se fez carne”. Esse evangelho estaria pouco atento a questões de ordem mais imediata, a preocupações que costumam tomar o dia a dia das pessoas. Para completar, um filósofo e teólogo que viveu há cerca de mil e oitocentos anos, chamado Clemente, escreveu que o quarto evangelho se diferenciaria dos demais por ser um “evangelho espiritual”. O problema é que esse escritor, que viveu na cidade de Alexandria (no Egito), entendia “espírito” em oposição a “matéria”; portanto, o “espiritual” seria algo completamente alheio ao concreto, ao histórico, àquilo que o próprio evangelho chama “carne”. Essas duas interpretações combinadas (a comparação com a águia e o entendimento do escrito como “espiritual” nesse sentido que acabamos de ver) conduziram a um entendimento do evangelho que deixou de lado dimensões importantes. Ele deixou de ser visto como expressão do entendimento de Jesus experimentado e aprofundado por uma comunidade concreta. Ele levou a uma compreensão de que a mensagem cristã estaria ocupada apenas com a dimensão “espiritual” do ser humano, e não com a totalidade do seu ser. As questões da vida da sociedade, os dramas vividos por tanta gente (como a fome, a exploração no trabalho, a falta dele, a violência) seriam de menor ou nenhuma importância, porque o importante é o espiritual. Afinal de contas, como já foi mencionado, Jesus não havia dito que o reino dele não era deste mundo?

A leitura aqui proposta vai na contramão dessa tendência que tem sido a dominante. Isso não significa negar que o evangelho possa, por exemplo, ser comparado com uma águia que voa alto. No entanto, é preciso não esquecer que a águia voa dessa forma não para escapar da terra, mas para ver mais amplamente, para identificar mais longe a presa que ela pode caçar para alimentar seus filhotes. Nem quero negar que o quarto evangelho seja “espiritual”. Da mesma maneira que não é possível dizer que os evangelhos sinóticos não sejam, também eles, espirituais! Mas será preciso entender melhor o que é o “espírito” que constitui o ser humano: em nenhum lugar da Bíblia “espírito” é compreendido como oposto a “matéria”. Em nenhum lugar do evangelho se encontra uma convocação a fugir do mundo, dos conflitos que ele vivencia, dos dramas que atingem a maioria dos homens e mulheres sujeitos a tantas formas de dominação e violência. Em nenhuma passagem dele vamos encontrar o entendimento de que a vida religiosa consiste no fechamento em si mesmo e em sua intimidade. Pelo contrário: em 17,15, Jesus não pede ao Pai para tirar os discípulos do mundo, mas para guardá-los do mal e da corrupção presentes no mundo. Resumindo: a proposta que aqui é apresentada quer salientar a grandiosidade do texto joanino justamente porque vai fundo nas situações que afligem homens e mulheres; porque não teme mostrar as raízes dos conflitos que opõem grupos humanos uns aos outros; porque não economiza palavras para denunciar os mecanismos de dominação que, não poucas vezes, produzem exclusão e morte; porque não tem receio de dirigir palavras duras que questionam formas de agir próprias de quem possui o poder e o utiliza exclusivamente em função de seus próprios interesses, de segurança e de prestígio. Vamos ao encontro de um texto que proclama a certeza da vida que está no nome de Jesus e que não teme identificar as forças que produzem a morte. E desafia a uma tomada de posição, que não pode ser vacilante.

Primeira parte

O LIVRO E A COMUNIDADE

O quarto evangelho é bem distinto dos anteriores, na linguagem e no conteúdo. Mateus, Marcos e Lucas são chamados “evangelhos sinóticos” não só porque são muito semelhantes entre si, mas porque formam um conjunto que se diferencia muito daquilo que se encontra no Evangelho segundo João. Vamos começar com isso, fazendo a pergunta pelas características desse evangelho, e no que ele se diferencia dos evangelhos sinóticos.

1. O texto

O texto do quarto evangelho se diferencia bastante dos demais evangelhos presentes no Novo Testamento por, pelo menos, duas importantes razões: a) ele não seguiu o modelo estabelecido no Evangelho segundo Marcos, que foi adotado nos Evangelhos segundo Mateus e Lucas; b) a história da comunidade na qual esse evangelho foi gerado teve algumas marcas importantes que deixaram influências poderosas no texto.

Além disso, alguns detalhes curiosos marcaram a história desse texto ao longo de tantos séculos, quando ele foi lido, relido, corrigido e mesmo ampliado no interior das comunidades que o receberam; eles nos ajudam a entender como os textos circulavam nos tempos antigos, como eram assumidos, assimilados e transmitidos. Vamos a um exemplo: deve ter sido por conta da reflexão comunitária a respeito de 8,15 (“Vocês julgam de modo humano; eu não julgo ninguém”) que alguém teve a ideia de inserir no quarto evangelho o episódio conhecido como “a mulher adúltera” (7,53–8,11). Como se chega a essa conclusão?

Em primeiro lugar, porque algumas cópias do evangelho que foram feitas nos primeiros tempos do cristianismo não trazem essa passagem (não esquecer que os textos antigos eram copiados à mão!). Além disso, cópias antigas do Evangelho segundo Lucas traziam essa narração. Isso indica que, durante um bom tempo, ela deve ter circulado de maneira livre, contada aqui e ali, até que ocorreu o que acima foi sugerido: alguém entendeu que a forma como Jesus atuou em favor da mulher e diante de seus acusadores ilustrava muito bem sua fala a respeito de como os julgamentos humanos costumam ser feitos e de que maneira ele conduz sua ação. E assim esse texto foi inserido no quarto evangelho.

Mas vamos refletir sobre a relação entre o texto joanino e os demais evangelhos presentes no Novo Testamento. Estes últimos costumam ser chamados “sinóticos”, por causa das semelhanças evidentes que têm entre si. Essas semelhanças ficam ainda mais claras quando se faz a comparação com o quarto evangelho:

- a) nos três primeiros evangelhos, o tema principal dos ensinamentos de Jesus é o Reino de Deus; em João, esse assunto praticamente não aparece; nele Jesus fala principalmente de si mesmo e de sua relação com o Pai;
- b) nos evangelhos sinóticos Jesus trata de Reino de Deus principalmente contando parábolas; no texto joanino simplesmente elas não aparecem;
- c) Mateus, Marcos e Lucas apresentam a atuação de Jesus num tempo que não dura mais que um ano. Sabemos disso porque a festa da Páscoa é mencionada apenas uma vez: é nas imediações dela que ocorre a crucificação de Jesus. Em João, uma Páscoa é citada no início (cf. 2,13), outra no meio (cf. 6,4) e outra no fim (cf. 11,55) da atividade de Jesus;
- d) nos sinóticos, Jesus atua o tempo todo na Galileia (norte da terra de Israel) e nos arredores, e apenas no fim ele se dirige para o sul, a Jerusalém, onde ocorre sua morte; no quarto evangelho, Jesus vai à cidade

santa já no início, logo após o sinal de Caná (cf. 2,13); além disso, há um vai e vem entre a Galileia e Jerusalém (passando ou não pela Samaria) que os demais evangelhos não apresentam.

Essas comparações poderiam ser ampliadas com outros detalhes. Mas esses já são suficientes para compreender algo decisivo para o entendimento do quarto evangelho: havia um modelo para narrar a trajetória de Jesus inaugurado pelo Evangelho segundo Marcos, que foi muito difundido e serviu de base para a escrita dos Evangelhos segundo Mateus e Lucas, mas não foi seguido por quem organizou a estrutura do quarto evangelho. Ele conhecia muitas das narrações que circulavam a respeito de Jesus e acabaram fazendo parte dos evangelhos sinóticos. Algumas delas ele as assumiu no que se tornaria o quarto evangelho do Novo Testamento: veja o episódio conhecido como “multiplicação dos pães” em Mc 6,30-44 e Jo 6,1-15. Outro exemplo mostra, de maneira bem clara, a criatividade de quem se coloca para escrever: Jesus cura um cego cuspiendo em seus olhos, e essa narração é assumida por quem elaborou o Evangelho segundo Marcos (cf. Mc 8,22-26). Mas no texto joanino, a história é contada com outros detalhes: Jesus cuspe no chão, fazendo um lodo para aplicar nos olhos do cego, levando-nos a pensar na ação divina ao criar o ser humano, de acordo com Gn 2,7. Depois disso, manda o cego lavar-se num tanque em particular, de forma semelhante à ordem do profeta Eliseu para que o leproso Naamã fosse banhar-se no rio Jordão (cf. 2Rs 5,10-14), tendo como base a crença popular no poder de cura que algumas águas teriam (cf. também 5,1-9).

Por outro lado, o texto joanino mostra que quem o elaborou conhecia episódios a respeito de Jesus desconhecidos nos ambientes em que os outros três evangelhos do Novo Testamento foram escritos. Por exemplo, a passagem encontrada em Jo 4, que apresenta o encontro decisivo entre Jesus e uma mulher da Samaria, parece que era desconhecida fora do ambiente em que o quarto evangelho veio a ser escrito.

No fim das contas, quem elaborou o quarto evangelho acabou por criar outro roteiro para contar as histórias e reunir

as palavras e os gestos de Jesus. O resultado deveria atender às suas intenções e às necessidades que ele identificava no grupo ao qual seu escrito seria dirigido. Ele seguramente conhecia a maneira de apresentar a trajetória de Jesus como a conhecemos nos evangelhos sinóticos, mas preferiu outro caminho, cheio de originalidade e ousadia, para deixar claro o entendimento de Jesus que ele compartilhava com a comunidade, para reforçá-lo.

Essa criatividade pode ser notada de várias formas e em diversas situações, mas vamos ficar com apenas mais dois exemplos. Marcos, Mateus e Lucas apresentam a cena em que Jesus ataca os vendedores e cambistas no templo numa situação específica, a última semana de sua vida. Com isso pretendiam mostrar a importância que esse acontecimento teve na decisão das autoridades de Jerusalém em conseguir a sua execução, algo que ocorreria alguns dias depois, de acordo com cada um desses evangelhos (cf. Mc 11,15-19; 14,58). Já no texto joanino, o “mesmo” acontecimento se encontra num lugar diferente da narração. Ele vem após a cena das “bodas de Caná” (cf. Jo 2), no início da atividade de Jesus. Com isso, fica claro que o propósito do narrador é outro: mostrar a diferença de ação de Jesus em meio a uma festa popular e em outra, oficial, marcada pelos interesses dos grupos dominantes da sociedade. Além disso, pretende mostrar que, com a presença de Jesus no meio da comunidade, não faz sentido a “saudade” do templo que já não existe mais na época em que o narrador compõe o seu texto (vamos tratar desse assunto logo adiante). Não são mais necessários os ritos que nele ocorriam, as peregrinações que a ele se faziam. A comunidade pode caminhar confiante de que o Ressuscitado é o caminho pelo qual se chega ao Pai (cf. 14,6) e deverá descobrir onde está e de que modo acontece o culto que agrada a Deus (cf. 4,23-25).

O segundo exemplo é ainda mais surpreendente. Uma comparação cuidadosa entre as narrações da ceia de Jesus em Marcos (cf. 14,17-25) e em João (cf. 13,1-20) esclarece muita coisa; vamos destacar apenas alguns detalhes:

- a) em Marcos se trata de uma ceia pascal; em João a refeição acontece “antes da festa da Páscoa”;